



María das Dores Daros
Elaine A. Teixeira Pereira (Orgs.)

Sentidos da Educação e projetos de Brasil

Séculos XIX e XX



COLEÇÃO
Pensar a Educação
PENSAR O BRASIL 1822-2022

Série Estudos Históricos

M
MAZZA
edições

O Projeto *Pensar a Educação Pensar o Brasil* (1822-2022) articula ações de extensão, pesquisa e ensino com o objetivo de propor alternativas para se pensar o Brasil a partir de uma reflexão sistemática sobre um dos grandes desafios do nosso tempo: a educação pública. Tomando a escola pública como tema de reflexão coletiva, constrói canais de aproximação entre pesquisadores e sociedade possibilitando a produção e a circulação de conhecimentos e ideias que possam fomentar um debate amplo e contínuo sobre os desafios da educação brasileira ao longo do processo de construção e consolidação do Brasil como nação.

Uma das maneiras de projetar alternativas viáveis para a construção de um país mais democrático e igualitário se encontra, de um lado, na capacidade de empreender esforços para pensar os problemas de maneira plural e diversificada, fugindo de lugares-comuns e das soluções fáceis e, de outro, na necessidade de difundir essa atitude reflexiva para o conjunto da sociedade brasileira.

É isso o que pretendemos com mais essa ação do Projeto: a *Coleção Pensar a Educação Pensar o Brasil* (1822-2022).

Coordenação Geral do Projeto:

Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho
(UFMG)

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (UFMG)

Sentidos da Educação e projetos de Brasil

Séculos XIX e XX

Maria das Dores Daros
Elaine A. Teixeira Pereira *(Orgs.)*

Sentidos da Educação e projetos de Brasil

Séculos XIX e XX



SENTIDOS DA EDUCAÇÃO E PROJETOS DE BRASIL – SÉCULOS XIX E XX

Copyright © 2017 by Maria das Dores Daros e Elaine A. Teixeira Pereira

Todos os direitos reservados

COLEÇÃO PENSAR A EDUCAÇÃO PENSAR O BRASIL

Comitê Editorial

Marileide Lopes dos Santos (RME/PBH – GEPHE/UFMG)

Cleide Maria Maciel de Melo (GEPHE/UFMG)

Ilka Miglio de Mesquita (UNIT)

Juliana Cesário Hamdan (UFOP)

Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG)

Marcus Aurélio Tabora de Oliveira (UFMG)

Marcus Vinícius Corrêa Carvalho (UFF)

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto (UNIT)

Rosana Areal de Carvalho (UFOP)

Tarcísio Mauro Vago (UFMG)

Série Estudos Históricos

Coordenação

Juliana Cesário Hamdan (UFOP)

Marcus Vinícius Corrêa Carvalho (UFF)

Capa

Túlio Oliveira

Revisão

Lourdes Nascimento

Projeto gráfico e diagramação

Anderson Luizes

S478 Sentidos da educação e projetos de Brasil – séculos XIX e XX / Maria das Dores Daros,
Elaine A. Teixeira Pereira (organizadoras).- Belo Horizonte : Mazza Edições, 2017.

208 p.

ISBN: 978-85-7160-696-8

1. Brasil - Educação - Séc. XIX-XX. 2. Educação - Brasil - Modernização. 3. Brasil - Formação -
Professores. I. Daros, Maria das Dores. II. Pereira, Elaine A. Teixeira.

CDD: 370.981

CDU: 37(81)

Produção Gráfico-editorial

MAZZA EDIÇÕES LTDA.

Rua Bragança, 101 – Pompeia

30280-410 BELO HORIZONTE – MG

Telefax: + 55 (31) 3481-0591

edmazza@uai.com.br

www.mazzaedicoes.com.br

VENDA PROIBIDA

O financiamento da publicação deste livro contou com recursos do Programa de Estímulo à Mobilidade e ao Aumento da Cooperação Acadêmica da Pós-Graduação em Sergipe (PROMOB). Edital CAPES/FAPITEC/SE No. 08/2013.

À Fundação de Apoio à Pesquisa e à
Inovação Tecnológica do Estado de
Sergipe (FAPITEC/SE), por viabilização da
publicação desta obra.

Sumário

Educação no Brasil: sentidos em disputa!	9
Apresentação	13
A noção de <i>Educação Social</i> como possibilidade heurística para a pesquisa em História da Educação	19
<i>Leonardo Ribeiro Gomes, Sidmar dos Santos Meurer e Marcus Aurelio Taborda de Oliveira</i>	
Imprensa periódica e juventude no século XIX	37
<i>Mônica Yumi Jinzenji</i>	
Os estudos jurídicos da Faculdade de Direito de São Paulo no ordenamento político do século XIX	51
<i>Gustavo dos Santos e Ilka Miglio de Mesquita</i>	
“No Brasil ninguém pode gabar-se”: o país de cores de Bernardo Guimarães	69
<i>Luzinete Rosa dos Santos e Ilka Miglio de Mesquita</i>	
Sob o olhar alheio: o intelectual e suas representações	89
<i>Lúisa Marques de Paula e Luciano Mendes de Faria Filho</i>	
Sobre a modernidade pedagógica dos grupos escolares sergipanos: o que revelam as memórias de professores (1920-1949)	113
<i>Laisa Dias Santos, Luzianne dos Santos e Raylane Andreza Dias Navarro Barreto</i>	

Formação de professores e o projeto de modernização do rural em Sergipe (1940-1950)	135
<i>Maryluzze Souza Santos Siqueira e Raylane Andreza Dias Navarro Barreto</i>	
Educação e modernização: projetos para o meio rural em circulação no Brasil da década de 1950.....	159
<i>Elaine A. Teixeira Pereira, Tatiane Modesti e Maria das Dores Daros</i>	
Memórias do fazer-se professor da educação profissional no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).....	179
<i>Letícia Helena Frozin Fernandes Cruz Wiggers e Elison Antonio Paim</i>	
Sobre os autores	201

SOB O OLHAR ALHEIO: O INTELLECTUAL E SUAS REPRESENTAÇÕES¹

Luísa Marques de Paula

Luciano Mendes de Faria Filho

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a história dos intelectuais têm encontrado terreno fértil na historiografia da educação, considerando o interesse da área – já não mais tão recente e inserido na retomada da dita nova história política francesa² – pela trajetória dos sujeitos que pensaram a educação e se envolveram política e socialmente no debate público por meio do desenvolvimento e da aposta em determinadas ideias e projetos educacionais.

Considerando que a ação dos intelectuais é estruturada e estruturante em relação à cultura política na qual ela está inserida, a articulação entre o pensamento e

¹ Este texto resulta de um recorte no trabalho dissertativo apresentado pela autora Luísa Marques de Paula, sob a orientação de Luciano Mendes de Faria Filho, defendido em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, com o título *Entre as Minas, os jornais e as instituições escolares: as representações sobre si e sobre a educação na obra de Aurélio Pires (1875-1939)*.

² A renovação da história política que começa a se dar a partir da década de 1970, e que tem como uma de suas obras-chave o livro *Por uma história política*, organizado por René Rémond e publicado em 1996, que posiciona a política como um dos motores de mudança social e a define como “uma das expressões mais altas da identidade coletiva” (RÉMOND, 1996, p. 449-450), aponta para o estudo tanto de temas mais tradicionais, como os partidos e as guerras, quanto de novos objetos, e, nesse sentido, a história dos intelectuais, bem como a história intelectual, vêm se evidenciando na agenda historiográfica das últimas duas décadas.

a atuação do intelectual com as culturas escolares e urbanas do período no qual ele atua permite problematizar sua inserção nos diferentes campos da vida pública, bem como a constituição de valores importantes para a definição desses campos, especialmente no caso brasileiro, no qual os campos intelectual e político se imbricaram de variadas formas e intensidades ao longo da história.

Esse texto tem como objetivo explorar e examinar os investimentos que resultam no reconhecimento do mineiro Aurélio Egídio dos Santos Pires como um intelectual engajado nas discussões na temática da educação, ao longo de um vasto período temporal que vai do final do século XIX aos anos de 1940.³ Nosso estudo permitiu traçar e problematizar os caminhos que essas representações sobre esse letrado seguiram, associando-as, principalmente, aos diversos lugares ocupados por Aurélio Pires – como variados cargos institucionais e atuações em níveis de instrução distintos – e ao contexto histórico do período, amplamente carregado de embates políticos a respeito da República que se propunha e que ia sendo construída. Buscamos, ainda, a partir da dicotomia que se abre entre as representações do ser intelectual e outras relacionadas à figura do mestre, compreender os valores ligados às duas categorias em um período de autonomização do campo intelectual brasileiro.

AURÉLIO PIRES: ELEMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA

Aurélio Pires nasceu na cidade mineira do Serro em 1862, sendo um dos dezesseis filhos do magistrado e empresário da navegação do Rio São Francisco, Aurélio A. Pires de Figueiredo Camargo e de Maria Josephina dos Santos Pires.⁴ Entre seus irmãos mais velhos, estava o político Antônio Olyntho Pires, primeiro Presi-

³ O recorte temporal da pesquisa corresponde, quase que totalmente, à atuação pública de Aurélio Pires, sendo iniciado no ano de sua primeira publicação em periódicos (1878 no jornal *A Mocidade* de Diamantina) e interrompido em 1939, dois anos após sua morte, quando a autobiografia *Homens e factos de meu tempo* foi lançada postumamente pela Editora Nacional, na Coleção Brasileira. Aí, na transição entre os séculos XIX e XX, estão inseridos, entre outros marcos políticos importantes, o começo da República brasileira, seus anos subsequentes de consolidação e decepção e tentativas variadas de revisão.

⁴ De acordo com sua autobiografia *Homens e factos de meu tempo*, Aurélio Pires teve quinze irmãos: “Daquele consórcio, houve os quatro filhos seguintes: Maria Josephina dos Santos, que foi mãe de dezesseis filhos, entre os quais o autor destas linhas” (PIRES, 1939, p. 32). A partir das fontes pesquisadas, fomos

dente do Estado de Minas Gerais no governo provisório que sucede a proclamação da República.

Ainda muito jovem, filiou-se ao Partido Republicano Mineiro (PRM), tendo atuação tímida dentro do partido. Sua participação como correspondente e editor de alguns jornais de cunho contestador do *status quo* imperial marcou de forma mais sistemática seu envolvimento no movimento político que toma corpo entre parte da intelectualidade mineira a partir de 1870.

Como correspondente, trabalhou em diversos jornais, tanto nas capitais mineiras (Ouro Preto e depois Belo Horizonte), quanto no Rio de Janeiro, capital federal na época. Nos seus primeiros anos no jornalismo, publicou principalmente em periódicos republicanos como *O Pharol* e *O Atheneu*. Atuou como cronista por mais de cinco décadas, tendo seus escritos publicados em jornais de circulação considerável para os padrões da época, como o *Jornal do Comércio* (do Rio de Janeiro) e o *Diário de Minas* (de Belo Horizonte).

Em seu arquivo pessoal, nos cadernos reservados aos recortes das crônicas de jornais de sua autoria, pode-se contar a participação de Pires em catorze jornais de Belo Horizonte, quatro do Rio de Janeiro e alguns outros no interior de Minas, ao longo de mais de trinta anos de publicações.⁵

No que tange à sua formação acadêmica, Aurélio Pires estudou no Seminário e no Externato de Diamantina. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1882, mas, sem possibilidades de concluir o curso por questões financeiras, retornou a Ouro Preto, onde se formou farmacêutico em 1894.

Nesta mesma cidade, foi nomeado lente do Ginásio Mineiro pelo presidente de Estado Bias Fortes, em 1891, o que posteriormente, em seu exercício autobiográfico, afirmou ser, nas suas palavras, a “realização de um dos grandes sonhos de minha vida: ser professor oficial” (PIRES, 1939, p. 189).

Mudou-se para Belo Horizonte no ano de inauguração da capital, 1897, onde foi reitor do Ginásio Mineiro entre 1906 e 1907, diretor e professor de Geografia,

capazes de identificar oito dos irmãos de Aurélio Pires, são eles: Antonio Olyntho, Mariquinha, Josephino, Américo, João Gabriel, Adeodato, Thomazinha e Virgínia.

⁵ Dentre esses periódicos, destaca-se a contribuição para: *A Mocidade, Ideia Nova* (de Diamantina), *O Pharol* (de Juiz de Fora), *Diário de Minas, Minas Geraes* (de Belo Horizonte), *A União, O Paiz, O Imparcial, Jornal do Commercio* (do Rio de Janeiro). Publicações feitas em outros periódicos como *O Atheneu* não fazem parte da constituição do arquivo pessoal de Aurélio Pires.

História e Educação Moral e Cívica da Escola Normal Modelo entre 1907 e 1910, e depois docente na Faculdade Livre de Medicina, inaugurada na capital em 1911, entre 1913 e 1933.

Foi ele próprio um dos colaboradores no projeto de criação da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, tendo escrito, entre outras ações, inúmeros artigos em jornais cariocas defendendo a construção de tal instituição de ensino na capital mineira.

Aurélio Pires foi ainda diretor interino do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e do Arquivo Público Mineiro entre 1927 e 1930. Ao abandonar sua cadeira na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, por motivos de saúde, em 1933, concentrou-se na produção de pequenos textos, na organização de seu arquivo pessoal e na finalização de sua autobiografia. A obra intitulada *Homens e fatos de meu tempo* foi publicada postumamente pela Editora Nacional, em 1939.

Aurélio Pires também publicou diversos livros além de *Homens e fatos de meu tempo*, sendo dois na área da ciência química: *Sinonímia Química* e *Compêndio de Farmácia Galênica*; a tradução do poema épico de Henry Longfellow, *Evangelina*, sobre a expulsão dos acadianos; e também *Homenagem ao dr. João Pinheiro da Silva* e *Subsídios para a história da fundação da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte*.

“TÃO DIVERSA QUÃO DIVERSOS SÃO OS OLHOS QUE A VEEM”: O INTELLECTUAL REPRESENTADO E A ENCARNAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO

Acompanhar os caminhos que as representações sobre a educação seguem na obra de Aurélio Pires exige compreender, primeiro, os lugares por ele ocupados socialmente, o que levará à problematização inevitável a respeito do ser intelectual no Brasil entre os séculos XIX e XX, período de intensa movimentação política devido, especialmente, à constituição dos projetos de República que foram sendo desenhados para a nação.

Pareceu-nos um bom caminho começar por uma espécie de final, qual seja, compreender Aurélio Pires localizando-o no mundo social por meio da análise das representações feitas sobre ele, representações essas que à primeira vista parecem indicar um produto, uma identidade estática e finda de Pires, cunhada a partir do que ele próprio dava a ver mediante sua atuação pública. Todavia, tal indicação pre-

cisa ser problematizada por meio de dois apontamentos: o da ilusão biográfica e o do mecanismo das representações instituídas.

Bourdieu (1996b), ao tratar do que ele chama de “ilusão biográfica”, atenta aos problemas, advindos da forma como se dão os relatos de vida, em se tomar as trajetórias como passíveis de serem apreendidas como todos coerentes, tendo em vista que “o real é descontínuo, fragmentado e múltiplo, constituído por elementos que se mostram, muitas vezes, tanto aleatórios quanto justapostos, sendo somente na escrita biográfica que uma trajetória de vida surge como unidade e continuidade” (CHAMON, 2009, p. 184).

Ao considerar que as representações associadas à figura de Aurélio Pires constituem-se como exercícios biográficos, pois falam de uma identidade adjetivada e localizada temporal e espacialmente, deve-se, portanto, levar em conta a tentativa, intrínseca a esse tipo de empreitada narrativa, de construir uma imagem coerente e conformada de quem era e havia sido esse jornalista, professor, homem das letras, intelectual, por pressuposto.

Portanto, não é sem motivo que se pode perceber o uso recorrente dos mesmos adjetivos, a exaltação de determinadas características e ocupações em detrimento de outras, bem como o relevo que era dado a certos momentos profissionais específicos. Cabe ressaltar que não há de fato nenhum trabalho biográfico extenso sobre a vida desse intelectual, além, claro, de sua autobiografia *Homens e factos de meu tempo*, de 1939, que também foi trabalhada nesta pesquisa. Os documentos disponíveis de que fazemos uso são, afinal, trechos de trabalhos memorialísticos de outras figuras públicas que conviveram proximamente a Aurélio Pires e por isso o citam, biografias curtas apresentadas em discursos quando da ocasião do falecimento de Pires e pequenos excertos de apresentação do jornalista nos lançamentos de colunas semanais em periódicos.

A respeito do plano das representações instituídas, Nunes (2000) aponta para a capacidade de condicionamento das adjetivações que constroem as imagens dos sujeitos sociais. Explicando melhor, o próprio ato de nomeação, que inclui categorias como “intelectual” e “mestre” e características como “ilustrado” e “humilde”, tende a condicionar o comportamento do sujeito a ele associado, para além da problemática de tais adjetivações serem tidas como aparentes ou ilusórias. Isso, claro, enquanto os exercícios biográficos são feitos durante a vida do sujeito. Após sua morte, a intencionalidade por trás do plano das representações instituídas não se perde, apenas sofre variações, tomando uma perspectiva memorialística e de consagração.

Ao se considerar que os sujeitos que se propunham a biografar e comentar sobre figuras públicas eram, em sua grande maioria, personalidades que ocupavam posições próximas às do sujeito referido (o que é facilmente comprovado pelo simples fato de o acesso às letras e aos jornais ser extremamente limitado no Brasil no período estudado), infere-se que “essas narrativas, ao mesmo tempo em que construía uma memória, guardavam também as marcas fundamentais de um grupo” (CHAMON, 2009, p. 183).

Nesse sentido, ao dizer sobre Aurélio Pires, seus pares diziam sobre si mesmos, suas relações, sensibilidades e pertencimentos. Diziam sobre os valores que eram apreciados entre eles, e construía, assim, não apenas o outro e sua imagem fixada, mas também a memória de um grupo e a própria ideia do sujeito social como intelectual. Entendemos, pois, que Aurélio Pires fez-se e foi feito intelectual, e que tal funcionava como uma representação instituída, uma construção incorporada. Por isso mesmo, soa infantil a ideia de que os relatos de vida sobre Pires simplesmente demonstrem uma identidade finda, coerente e fixada. Naturalizada e dada, portanto.

Entender o sujeito, suas funções sociais e suas relações concretas é o que permite pensar o seu papel no mundo social e suas intencionalidades, escapando dos riscos da ilusão biográfica. A partir disso, encontra-se sentido na restituição de suas ações e estratégias, bem como das representações cunhadas por ele. Ao considerar Aurélio Pires como um sujeito intelectual, encarregado de funções sociais específicas dessa categoria de atuação pública, que, se não definem suas relações concretas, ao menos as balizam, partimos de um entendimento duplo do ser intelectual pautado tanto pela via das representações instituídas e suas formas de articulação citadas acima, quanto por uma extensa discussão conceitual a respeito do termo em si e a forma de pensá-lo para o contexto brasileiro do entresséculos XIX e XX.

Portanto, ao tratar dos recortes espacial e temporal desta pesquisa – que são, lembrando, o estado de Minas Gerais entre as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX, mas, especificadamente, entre 1878 e 1939 –, em função da trajetória de Aurélio Pires, optamos por chamar de campo intelectual o espaço de atuação pública de Aurélio Pires e seus pares, e que compreende jornais, instituições profissionais (como a Escola Normal Modelo de Belo Horizonte e a Faculdade Livre de Medicina da mesma cidade), bem como associações de consagração (como o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – IHGMG). Entendemos que este campo intelectual funciona, a partir das indicações de Bourdieu, como um espaço de criação, legitimação e consolidação de valores, comportamentos, projetos e repre-

sentações que, ao dialogarem com o campo de poder, numa dialética de autonomia e dependência, apontam para a afirmação ou contraposição de discursos hegemônicos presentes na sociedade.

A partir, então, de um estudo de trajetória, a proposta consiste em valorizar o caráter relacional dos campos, tendo em vista que estes se constituem e constituem seus valores mediante uma lógica estruturada e estruturante, na qual a *performance* dos atores sociais é condição *sine qua non* da constituição de *habitus*, capitais simbólicos etc. Nesse espaço relacional, para além de ações estratégicas, enxergamos, de acordo com Sirinelli (1990, 2003), a interpenetração do afetivo e do ideológico nas disputas de posição e nas relações de solidariedade. Assim sendo, e considerando a importância das lutas pelos controles dos significados, como vemos em Rama (2015), buscaremos agora indicar e problematizar as representações ligadas a Aurélio Pires como um intelectual, entendendo-as também como objetos de batalha ideológica e indícios de como se dava a própria inserção do intelectual no debate público durante o período estudado.

Como já dito, um dos objetivos deste texto é compreender os valores e dispositivos relacionados à construção de Aurélio Pires como intelectual, reconhecido assim pelo seu tempo e analisado como tal ante uma ampla historiografia sobre o tema. Para tanto, no primeiro item, debateremos teoricamente sobre o espaço de atuação intelectual, chegando a uma conformação central que bem dialoga com as fontes que tivemos à disposição e auxilia o trabalho de análise proposto. Assim sendo, após admitir a configuração de um campo intelectual *à brasileira*, que visitaremos recorrentemente nas páginas deste texto, é necessário explorar também o que se entende como “intelectual” desde o plano conceitual até o “plano das representações instituídas” (NUNES, 2000, p. 15).

Nunes (2000) pensa o plano das representações instituídas em diálogo com o conceito mais amplo de representação, que, no campo da História, foi reflexionado por Chartier, sendo as representações entendidas como “esquemas intelectuais que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17).

As representações estão sempre ligadas à posição que os indivíduos que a concebem ocupam num dado momento histórico, e espelham diferentes maneiras de se conceber a realidade. Por esse motivo, é necessário entender o espaço das representações como um campo de intensas lutas por sentidos que sinalizam para o reconhecimento de determinadas práticas sociais que são geradas a partir dessas re-

apresentações. Dessa forma, as representações tendem sempre a legitimar os lugares sociais, bem como a si mesmas, e devem ser apreendidas a partir de suas relações com três dimensões da experiência:

[...] o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, classe ou comunidade (CHARTIER, 1990, p. 23).

Seguindo essa lógica, Nunes (2000) concebe o plano das representações instituídas como aquele no qual os sujeitos representados podem assumir determinado comportamento ao levarem em consideração os valores que estão sendo a eles associados, tendo em vista que tais valores representam um conjunto de princípios e padrões que são tidos como ideais, almejavéis e identificáveis, especialmente se se tem em vista o caráter, em geral elogioso, dos exercícios biográficos e de nomeação.

O que interessa, portanto, a respeito deste tipo de problematização, aqui tomada também como metodologia de análise das fontes de cunho biográfico sobre Aurélio Pires, não é indagar a veracidade das adjetivações utilizadas para representar Pires, e sim entender “como um sujeito passou pelos olhos de um tempo” (CHAMON, 2009, p. 185) e avaliar essas narrativas como “uma prática cultural de construção do outro, numa operação de constituição e fixação de uma imagem” (CHAMON, 2009, p. 183), que funciona, seja pelo condicionamento das ações e comportamentos do sujeito biografado, seja para a perpetuação de uma memória específica de um grupo. Afinal, relatos desse tipo “promovem uma interpretação do indivíduo, [...] devolvem ao social um sentido e um significado para a ação de seus sujeitos” (CHAMON, 2009, p. 184) e nos ajudam a compreender os espaços sociais na lógica relacional proposta por Bourdieu em suas obras, especialmente aquelas publicadas a partir de *Regras da Arte*.

Há, porém, que se estabelecer uma diferenciação entre a forma como Aurélio Pires foi representado ainda em vida e como o foi após a morte, pois essas formas sugerem diferentes estratégias de legitimação e, de acordo com o que foi observa-

do nas fontes, realçam distintas características que podem ser englobadas em duas acepções: a do intelectual e a do mestre.

Nas crônicas contidas nos cadernos de recortes feitos por Aurélio Pires para compor seu arquivo pessoal, o uso da palavra “intellectual” aparece oito vezes no *Caderno 1* e oito vezes no *Caderno 2*. Todavia, de acordo com certo avanço temporal,⁶ é possível notar que a categoria, antes empregada para dizer sobre a “actividade intellectual”, a “vida intellectual” ou a “elaboração intellectual”, desgarrar-se, ainda que ligeira e não completamente, da associação a um fazer, e passa a ser empregada a fim de designar um tipo específico de agente social, cuja referência de atuação fica implícita ao próprio conceito, utilizado sem o fornecimento de mais explicações ou descrições.

Sintomaticamente, esse uso da categoria “intellectual” ligada ao sujeito aparece justamente nomeando o próprio Aurélio Pires em duas ocasiões em que suas correspondências foram publicadas em periódicos precedidas de alguma apresentação de sua figura feita por terceiros. O fato dos recortes preservarem essas apresentações elogiosas evidencia, com clareza, a importância desse reconhecimento para Pires.

Dizendo delas, então, na primeira ocasião, trata-se de uma introdução elaborada pela revista *Vita*,⁷ de Belo Horizonte, a fim de anunciar a participação de Aurélio no periódico:

Aurelio Pires⁸ o fino beletrista, o orador aplaudido, convidado a colaborar em nossa revista, respondeu com gentileza fidalga ao nosso director. Assegurando-nos o seu concurso inestimavel, o brilhante intellectual dirigiu-nos as seguintes linhas de captivante generosidade [...] (APM - Fundo Aurélio Pires - AP-Caixa01).

A esta introdução segue a transcrição da carta escrita por Pires ao redator-chefe de a *Vita*, Ernesto Cerqueira, na qual ele aceita o convite para ser um de seus colaboradores. Publicado em outubro de 1913, o trecho evoca características essen-

⁶ Tendo em vista que as crônicas são organizadas em uma lógica cronológica combinada a uma sistematização que também as agrupa por periódico.

⁷ De acordo com recomendação do Arquivo Público Mineiro, todas as referências retiradas do fundo privado Aurélio Pires devem ser feitas da seguinte forma: APM - Fundo Aurélio Pires - AP-Caixa01.

⁸ Grifo original.

ciais para entender a que estava ligada a representação de Aurélio Pires como intelectual. “Fino beletrista”, “orador aplaudido”, “brilhante”, essas são as adjetivações usadas provavelmente pelo próprio Ernesto Cerqueira para descrever Pires, num exercício de nomeação que o incumbe de legitimidade para falar ao público por meio dos periódicos, e também serve para atrair e instigar o leitor da *Vita*.

Já em 11 de abril de 1915, sai no jornal *O Mucury*, de Téofigo Otoni, outra carta de Pires, dessa vez escrita para Alfredo Sá a fim de agradecer a transcrição publicada naquele jornal, em 21 de fevereiro do mesmo ano, de uma defesa feita à Reforma João Pinheiro e ao próprio ex-governador, falecido em 1908, e que fora primeiramente publicada no jornal *O Momento*. A carta, assim como a que foi publicada pela revista *Vita*, é precedida também de uma apresentação de Aurélio Pires:

D’esse festejado intellectual e conhecido professor, residente em Bello Horizonte, recebeu o nosso director a seguinte carta, que pela belleza da forma, pelo fundo conceituoso e magistral – como, aliás, tem tudo que sáhe de sua penna primorosa, pedimos venia para transcrever, com ella adornando nosso jornal (APM - Fundo Aurélio Pires - AP-Caixa01).

Aqui é interessante ressaltar a cisão que se dá entre “festejado intellectual” e “conhecido professor”, ambas as categorias sendo usadas para legitimação social, mas afastando o fazer docente da noção de intelectual, mais ligada ao desempenho da letras tal qual se vê empenhado no jornalismo.⁹

É Sirinelli, no mesmo texto em que diz sobre meios intelectuais que se organizam em formato de redes, e que foi debatido no item anterior, quem elabora uma definição do intelectual que, respeitando a ideia já muito bem estabelecida de que qualquer conceito tem sua variação de sentido de acordo com o tempo, “desemboca em duas acepções, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento” (SIRINELLI, 2003, p. 242). Todavia, ainda que, para o autor, tanto o professor secundário, quanto o jornalista, estejam abarcados na acepção mais ampla de intelectual (SIRINELLI, 2003, p. 242), estabelece-se a leitura que coloca o jornalismo mais próximo da cria-

⁹ Existe uma diferenciação entre o que faz a revista *Vita*, associando narrativamente a noção de intelectual às capacidades de escrita (das belas letras) e de oratória pública, e o que se vê no jornal *O Mucury*, que dá ao leitor duas modalidades que se somam sem se entrecruzarem: novamente, o professor e o intelectual.

ção cultural, e a docência, por sua vez, mais ligada à mediação, que, comumente, foi entendida como um fazer menor, afastado da relevância vanguardista.

É isso que indicam Gomes e Hansen em prefácio da obra *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*, publicada em 2014 e que engloba textos preocupados com a noção do intelectual mediador, muitas vezes entendido como “mero transmissor”,

alguém que conduz uma mensagem ou um produto cultural de um lugar ao outro, de um tempo ao outro, de um código cultural para outro, sem nada acrescentar ou transformar criativamente. Esse sujeito, no mais das vezes, costuma ser visto como alguém que não agrega valor ao produto cultural em questão. Mais ainda, é percebido como tendo “apenas” o papel de “simplificar” ou “didatizar” algum conteúdo, informação etc. (GOMES; HANSEN, 2014, s.p.).

As autoras, então, saem em defesa do intelectual mediador, apontando que a própria história cultural, especialmente a partir da contribuição de Roger Chartier e sua noção de “apropriação cultural”, estabelece que todos os sujeitos sociais são produtores de sentidos, não havendo recepção, leitura ou conformação de ideias que sejam passivas, conferindo, então, ao mediador cultural, a mesma capacidade de se envolver na “dinâmica de produção de sentido e de valor” (GOMES; HANSEN, 2014, s.p.) da qual participam os ditos criadores. Assim sendo,

o intelectual que atua como mediador cultural produz, ele mesmo, novos significados, ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, que são reconhecidos como preexistentes. Com esses outros sentidos inscritos em sua produção, aquilo que o intelectual “mediou” torna-se, efetivamente, “outro produto”: um bem cultural singular (GOMES; HANSEN, 2014, s.p.)

Tocando em um ponto nevrálgico da análise que faço a respeito da representação de Pires como intelectual, Gomes e Hansen identificam a educação como a melhor expressão do processo de mediação cultural para afirmarem que

com frequência o intelectual mediador – que a ela dedica tempo, esforços e tem sempre um projeto político-cultural –, sobretudo quando exclusivamente dedicado à mediação, não é nem mesmo reconhecido como inte-

lectual, sendo negligenciado nas análises e considerado de valor secundário, quando não supérfluo (GOMES; HANSEN, 2014, s.p.).

Tem-se aí uma dupla questão ligada à mesma problemática: primeiro, o privilégio dado, nas pesquisas de trajetória, ao estudo de perfis intelectuais identificados com a vanguarda, ou aqueles que mais se aproximam da arena política (inclusive diretamente), em detrimento do investimento de investigação sobre intelectuais de tipo mediador, também observável, ainda que em menor medida, na área de História da Educação. Segundo, a cisão entre professor e intelectual que aparece nas próprias fontes consultadas e citadas acima, e que indicam uma tradição mais geral (no sentido de não historiográfica) em afastar o docente das representações de intelectual já no início do século XX, quando o termo começou a se expandir pelo mundo ocidental.

A respeito da primeira questão, alinho-me com as ideias propostas por Gomes e Hansen e concebo o intelectual mediador como um *expert* que “se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagem e estratégias com a sua experiência e com aquela acumulada ao longo do tempo” (GOMES; HANSEN, 2014, s.p.), desempenhando importante papel na formação de identidades e valores sociais.

Ao considerar o enfoque dado por Aurélio Pires ao exercício de atividades docentes durante sua carreira profissional (foi professor particular, professor e reitor do Ginásio Mineiro, professor e diretor da Escola Normal Modelo de Belo Horizonte e catedrático da Faculdade de Medicina) e levando em consideração as representações recorrentes sobre a sua figura, acaba-se por tomá-lo como um intelectual mediador, sem contudo limitar sua ação ou forçá-lo a se encaixar em um perfil mais estático. Isso porque, ao participar ativamente da Reforma João Pinheiro, ao escrever seus livros, tanto de caráter humanístico, quanto os da disciplina farmacêutica, Pires situou-se como criador cultural. Ao mesmo tempo, pode-se ler sua atuação nos jornais de variadas formas, incluindo a pela acepção do engajamento.¹⁰

¹⁰ Isso porque foram muitas as ocasiões nas quais Pires reafirmou seu lugar de fala dentro dos jornais evocando a necessidade e a responsabilidade do engajamento, como pode ser visto nesse trecho de crônica publicada em 1891 no jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora: “E’ esta a ultima carta que dirijo aos bons, aos benevolos leitores d’O Pharol, neste anno que se encerra depois de amanhã. Durante os doze mezes que o compuzeram, quantas vezes tive ensejo de molhar a penna no fel da indignação para lhes denunciar factos

Retomando a discussão sobre a maneira como Aurélio Pires foi representado pelo seu tempo, pensada a partir do plano das representações instituídas, é interessante notar como Pires vai conformando uma imagem de intelectual ao mesmo tempo racional, instruído em seu lugar de fala, austero em suas relações públicas, empenhado com a verdade universal, em acomodação com características comumente ligadas à docência, como a paciência, a benevolência e, principalmente, a generosidade. Não à toa, no mesmo trecho da revista *Vita* em que se apresenta uma figura das letras e da oratória, diz-se das “linhas de captivante generosidade”.

É este perfil apontado repetidamente como generoso e humilde que será revisitado em diversas ocasiões ao longo de sua vida pública, aparecendo também na estratégia narrativa escolhida por ele para levar a cabo seu exercício autobiográfico de maior envergadura, a autobiografia *Homens e factos de meu tempo*, na qual Aurélio escolhe como estratégia narrativa contar de sua vida por meio de suas relações com figuras tidas por ele como de maior relevância, entre elas o primo e cunhado Francisco Sá e o irmão Antonio Olyntho. Mas, especialmente após seu falecimento em 1937, a alcunha de *Mestre* cola-se à imagem de Pires, denotando uma outra conformação representativa, essa, sim, absolutamente associada à docência e que, como se verá, serviu menos para a legitimação de uma identidade de grupo, como de fato se dá com as representações *post-mortem*, e mais como estratégia de diferenciação, especialmente interessante para a família de Aurélio Pires e a própria Faculdade de Medicina, àquela altura já pertencente à Universidade de Minas Gerais.

“MESTRE AURÉLIO ESTÁ CANSADO NO PRESENTE/ DE CARREGAR O FARDÃO CHEIO DO PASSADO”: A CONSAGRAÇÃO DO MESTRE

Quando, no início dos anos 1930, Pedro Nava escreveu o poema “Mestre Aurélio entre as rosas”, “numa tarde em que estava abrasado de saudades de Belo

que a todos nós contrastavam, filhos da época que atravessamos, cheia de incertezas, de vacilações e de imprevistos!” (APM - Fundo Aurélio Pires - AP-Caixa01).

No texto, que continua após esse fragmento, Aurélio Pires ainda diz do dever do jornalista de falar ao povo com imparcialidade e de denunciar os problemas do “terreno sáfaro e ingrato da política cujo nível tem baixado à depressão contrastadora em que se acha o carácter nacional” (APM - Fundo Aurélio Pires - AP-Caixa01).

Horizonte” (NAVA, 2013, p. 321), o célebre poeta, que na ocasião exercia a medicina na cidade paulista de Monte Aprazível, não só compôs um de seus mais famosos poemas (posteriormente publicado na *Antologia dos Poetas Bissexto*, de Manuel Bandeira, em 1946), como também a mais famosa representação de Aurélio Pires, que havia sido seu professor de Farmacologia na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

Em *Beira-Mar*, Nava conta como a imagem do poema e seu verso título nasceram da impressão tida por ele e Afonso Arino de Melo Franco ao observarem Aurélio Pires caminhando pela praça da Liberdade ao retornar a sua casa, que ficava na rua Cláudio Manoel, a “rua onde as placas azuis/trazem o nome do poeta estrangulado” (NAVA, 1946, p. 173), depois do dia de trabalho no Arquivo Público Mineiro.¹¹ Nessa ocasião, Aurélio Pires já contava mais de 60 anos,¹² logo começaria a escrever sua autobiografia e depois deixaria seus afazeres na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, ao se aposentar. Nava descreve uma figura de barbas tão brancas quanto as rosas que ornamentavam sua passagem, fala de olhos cansados do presente e de um coração que “vai batendo mais manso, mais devagar/ batendo, batendo/ tão só/ tão bom/ tão bom/ tão só...” (NAVA, 1946, p. 176), utilizando-se da sonoridade das onomatopeias para imitar o bater do coração de uma figura representada com doçura e melancolia.

Em suas memórias, Pedro Nava cita com frequência Aurélio Pires, contando de um cotidiano por ele observado, muitas vezes de perto, em função de sua íntima amizade com Francisco de Sá Pires, um dos filhos de Aurélio. Em *Beira-mar*, o poeta dedica algumas páginas à construção de uma breve biografia de Pires que desemboca na descrição de suas aulas de Farmacologia, nas quais Aurélio, segundo Nava, “transmitia, ao mesmo tempo que o saber da matéria, o conhecimento humanístico” (NAVA, 2013, p. 327). Nesse exercício biográfico, Nava cita a participação de Aurélio Pires nos jornais da época, bem como comenta sobre seu trabalho no Arquivo Público Mineiro. Todavia, seu investimento maior dá-se na descrição de Pires como professor.

¹¹ “Nasceu de impressão tida por Afonso Arinos de Melo Franco e eu – vendo-o passar vindo do trabalho, entre roseiras da praça da Liberdade. Seu vulto parecia deslizar entre as flores e logo demos legenda àquele quadro mineiro, exclamando simultaneamente – mestre Aurélio entre as rosas... Era um lindo verso e guardei-o dentro de mim” (NAVA, 2013, p. 321).

¹² Aurélio Pires trabalhou no Arquivo Público Mineiro entre 1927 e 1930. Tendo em vista que ele nasceu em 1862, Aurélio Pires deveria ter entre 65 e 68 anos na ocasião narrada por Pedro Nava.

Criando uma espécie de dicotomia complementar entre professor e mestre, Nava primeiro escreve:

Guardo de seu curso a impressão do professor cheio de exatidão e escrúpulo, fazendo questão de nos dar toda a matéria prevista no programa e fiscalizando minuciosamente os nossos trabalhos práticos (NAVA, 2013, p. 326).

Para depois acrescentar: “guardo, além desta, a imagem do mestre de bondade e do mestre do improviso” (NAVA, 2013, p. 327). Aqui tem-se, ao se falar de Aurélio Pires, o professor associado à rigidez, à fiscalização, e o mestre associado à bondade, ao improviso como oposto do escrúpulo ligado ao primeiro tipo.

Se a alcunha de mestre lhe é dada justamente por um ex-aluno, já que Pedro Nava clama para si a criação do epíteto, como explica neste trecho:

Dr. Aurélio Pires... Professor Aurélio Pires... Assim é que ele era conhecido e chamado na Faculdade de Medicina, em Belo Horizonte e toda Minas. Tenho a vaidosa impressão de que *Mestre Aurélio*, como o lembram hoje, foi expressão cunhada por mim no poema muitas vezes transcrito [...] (NAVA, 2013, p. 321).

ela aparece frequentemente usada também pelos pares de Aurélio Pires, especialmente nas homenagens feitas quando de sua morte. Tem-se aí a representação, que, somada à de intelectual, torna-se a mais recorrente de Aurélio Pires, sendo ambas carregadas de valores sociais que muito dizem do tempo em que são concebidas.

Nesse sentido, por exemplo, é interessante notar que Pedro Nava usa termos como “intelectual afável” (NAVA, 2013, p. 325), novamente associando à figura do intelectual, usualmente classificado por uma racionalidade latente, uma característica do domínio sentimental e íntimo, e que carrega um sentido estratégico na construção da figura pública de Aurélio Pires nos termos em que foi debatida anteriormente, e que se consolida a partir da representação do mestre, sendo esse aquele que permite e desperta o carinho ligado para além do reconhecimento pela boa execução de seus afazeres profissionais.

A respeito da noção de “mestre”, pode-se dizer que ela aponta para duas distintas interpretações: a da autoridade e a da proximidade. Explicamos: até o advento republicano, que estabelece a isonomia como valor fundamental, o mestre distin-

guia-se de seus “comandados” ou “pupilos” por meio da construção de uma autoridade romântica pautada nas ideias religiosas e paternas. Havia em torno dessa figura a marca da tentativa de se “tornar exemplo a se seguir ao discursar a partir do lugar da certeza” (PEREIRA, 2008, p. 6). Com a modernidade e a crise da autoridade, o mestre passa a se pautar pela “sagrada missão pedagógica”,¹³ e, a partir de então, “a abnegação exigida aos mestres os tornam dóceis e devotados a uma causa sacrificial” (PEREIRA, 2008, p. 6), sem, contudo, deixar de cultivar a nostalgia da autoridade que os separava dos demais.

Pedro Nava, ao explicar sua inspiração para a nomeação de Pires como mestre, desenvolve uma explanação legitimada por um conhecimento adquirido no foro familiar, a ele frequentemente autorizado, e que permitia, a quem convivia com Aurélio Pires mais de perto e “conseguia atravessar a sua muralha de cerimônia”, saber que “não havia contato humano variado, imprevisto, jucundo e galhardo como o seu” (NAVA, 2013, p. 325). Nava então expõe:

Parece que essa aceitação de nova apelação para nosso querido lente era uma compreensão inconsciente do que Júlio de Matos pôs em palavras tão certas quando disse que a qualidade do professor era o ‘saber muito’ e do mestre, esse predicado e mais um ‘vasto amor da mocidade. ‘Porque’ – continua – ‘se as relações entre o professor e o aluno se interrompem e se suspendem, transpostas as aulas, as do mestre com o discípulo são incessantes e supõem uma afinidade intelectual que a natureza humana dificilmente comporta sem uma larga base afetiva.’ Era o que sentíamos por Aurélio e o Cavalcanti,¹⁴ sem querer, já estava me encucando do poema futuro quando só o chamava de *Tio Aurélio* ou de *Pai Aurélio* (NAVA, 2013, p. 322).

Destaca-se nesse trecho a aproximação do mestre da figura paternal e o peso afetivo na concepção da “nova apelação”. O mestre aqui ultrapassa a afinidade inte-

¹³ Tal como foi exposto pela obra de Eliane Marta Lopes, de 2003, que tem como título, justamente, *A Sagrada Missão Pedagógica*.

¹⁴ Joaquim Nunes Coutinho Cavalcanti foi colega de Pedro Nava na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, tendo também sido aluno de Aurélio Pires e frequentado sua casa por conta da proximidade com Francisco de Sá Pires, o recorrente Chico Pires nas memórias de Nava.

lectual, onde se estabelece o primeiro contato, e cria relações nas quais o diferencial é o “vasto amor da mocidade”.

Em outro momento, Nava apresenta uma possível explicação para a dita docilidade de Pires: como o professor não havia, por conta de dificuldades financeiras, conseguido finalizar sua graduação em medicina, “em tudo procurou dar aos moços o que não tivera. Desde a paciência que não encontrara nos seus instrutores, até a possibilidade de terem uma faculdade onde se fazerem médicos” (NAVA, 2013, p. 327), evocando a participação de Aurélio Pires na fundação da Faculdade Livre de Medicina de Belo Horizonte em 1911.

Nas páginas das memórias de Pedro Nava, muitos são os professores por ele chamados de mestres, como o próprio Alfredo Balena, que hoje nomeia a avenida de Belo Horizonte onde se localiza a atual Faculdade de Medicina pertencente à UFMG desde 1927. Contudo, a nomeação de Aurélio Pires é a única amplamente justificada em texto, legitimando não só o valor da relação construída entre ambos, mas também a representação em si, numa tentativa de conformação de valores específicos que reforçavam a figura de um mestre pautada mais pela proximidade que pela autoridade das letras. Por isso também as adjetivações: Pires imortalizou-se nas palavras de um dos mais lidos poetas mineiros como “mestre egrégio, mestre de generosidade e benevolência, mestre magnânimo!” (NAVA, 2013, p. 327).

Outro que, em suas homenagens póstumas a Aurélio Pires, ressalta a figura do mestre é João de Mello Teixeira. Ao assumir a disciplina de Farmacologia na Faculdade de Medicina em 1937 em razão do falecimento de Pires, o professor elaborou, para sua aula inaugural, o discurso “Elogio do professor Aurélio Pires”, que posteriormente foi publicado no jornal *Minas Geraes* e inserido, tal qual o poema de Pedro Nava, na autobiografia *Homens e fatos de meu tempo*.

Nesse discurso, Mello Teixeira expõe de forma resumida alguns pontos importantes da trajetória profissional de Pires, construindo um perfil de Aurélio no qual duas características são realçadas e frequentemente reafirmadas: a inteligência e a bondade. Em suas palavras, “tais características definiam em traços fortes a sua [de Aurélio Pires] individualidade. E foram esses atributos que delle fizeram, em todas as situações da vida, e em todas as manifestações do eu, a figura apostolar do mestre” (MELLO TEIXEIRA, 1939, p. 321).

Mello Teixeira assim continua sua elaboração, reafirmando o epíteto de mestre, explicando-o, tal qual Pedro Nava viria a fazer em *Beira-mar*:

Ser o professor, ser o mestre, era tão característico nele, que, em Minas, a linguagem da amizade, da ternura e da admiração, quando a ele se referia sintetizava-o na expressão sugestiva: Mestre Aurélio.

Mestre Aurélio... mestre de saber e de cultura; mestre de bondade e de caráter; mestre de maneiras e elegância mental; mestre de simpatia e de suavidade (MELLO TEIXEIRA, 1939, p. 321).

Seguindo o discurso, surge uma sutil justificação a respeito das escolhas profissionais tomadas em vida pelo homenageado recém-falecido naquele momento, e que foi pensada e concebida como necessária, provavelmente em função de o perfil de atuação pública de Pires ter sido ligeiramente afastado do que era mais usual no período: a inserção da arena da política partidária. Mello Teixeira expõe, então, que

proclamada a República, Aurélio Pires, pelos serviços à causa, pelas amizades que desfrutava, pelas altas qualidades de espírito e de caráter, teria garantido ao sol que despontava o lugar que lhe era devido, mas o seu temperamento não coadunava com o clima pérfido da política partidária (MELLO TEIXEIRA, 1939, p. 321).

Desse modo, ele continua, afirmando que Aurélio Pires, como possuidor de um “sólido substrato de humanidades e de instrução clássica fertilizando uma mentalidade privilegiada [...] e que o destinaria ao triunfo na vida pública qualquer que fosse o setor que escolhesse” (MELLO TEIXEIRA, 1939, p. 318), opta por seguir a sua “destinação vocacional: ser professor, ser o que foi durante toda a sua brilhante existência – mestre. Mestre dos moços. Mestre pelo talento, pela cultura, pelo caráter, e pelo coração” (MELLO TEIXEIRA, 1939, p. 320).

Destacam-se outras adjetivações e nomeações de Pires, tal qual a de “artista da palavra”, ligada a sua faceta de “escritor, jornalista, orador, dos de mais fino quilate” (MELLO TEIXEIRA, 1939, p. 327). Porém, é revelador o fato de que, no texto que de certa maneira encerra a vida de Pires, por ter sido o escolhido para fechar o livro de suas memórias, em nenhum momento ele é chamado diretamente de intelectual, e a encarnação sintetizada, consagrada, possível e coerente é, definitivamente, a de mestre.

Há que se dizer ainda sobre as questões da memória que perpassam a problemática que enfrentamos agora. Não se pode perder de vista que os dois autores responsáveis pelas homenagens aqui citadas acabam por dizerem si mesmos, afinal,

ambos vêm a ocupar o espaço que delegavam a Aurélio Pires como mestre em suas vidas. Joaquim Alves de Aguiar, no livro *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*, faz grande explanação nesse sentido:

Nem precisaríamos falar o quanto as relações de Nava com Aurélio Pires marcariam o futuro narrador das *Memórias*. As coisas que este diz do mestre aplicam-se com perfeição a si mesmo. A descrição do homem que sabia contar histórias funciona como sequência de autodefinição da mesma voz que o descreve, retirando-o das brumas do tempo. A memória prodigiosa, a fixação nos espaços que alicerçaram trajetória, a oscilação constante do cômico ao sério, a poesia insuflando o processo de reconstituição do passado – tudo o que se lê a respeito de Aurélio Pires compõe, por assim dizer, um retrato antecipado do escritor que Nava viria a ser, na velhice (AGUIAR, 1998, p. 122).

No caso de Mello Teixeira, a ocupação de um espaço anteriormente pertencente a Aurélio Pires é mais objetiva, inclusive temporalmente, e menos abstrata. Ao fazer seu “elogio do professor Aurélio Pires”, o novo professor de Farmacologia da Faculdade de Medicina da UMG está, pois, sedimentando o perfil de uma figura que lhe faria sombra durante muito tempo. Há ali, também, contida em suas palavras, uma representação da própria instituição, uma reafirmação de sua importância e da importância de seu cargo dentro dela, bem como uma espécie de pedido de licença, como se pode ler neste trecho:

Muda e extinta está, para sempre essa voz [de Aurélio Pires]. Mas as suas ressonâncias perdurarão sempre, como sempre a recordação dele há de perdurar, palpitante, luminosa e viva, em nosso coração e nesta Casa [a Faculdade de Medicina], seu grande sonho, de que foi o mais antigo e estrênuo idealizador e de que era um dos maiores ornamentos.

Mas a vida continua... tem de continuar. Alguém deve suceder na fila do que tombou. Cabe-me a difícil tarefa (MELLO TEIXEIRA, 1939, p. 316).

Uma representação instituída que já não pode mais dimensionar o objeto de quem fala, mas que, a partir do que se consagrou das representações anteriores, executadas em vida, e que sedimentam a encarnação do mestre, acabam por devolver ao social uma memória de um grupo e uma estrutura de valores amplamente relacionável a vários perfis da época.

Enfim, o que inferimos dessa época é a noção de uma geração que evoca o intelectual especialmente pelo engajamento e representa-o próximo ao campo político, ao mesmo tempo que admite e exalta as riquezas de um dito trabalho intelectual executado pelo professorado, o que pode ajudar também a compreender este momento histórico no qual as universidades começam a se tornar o lugar para onde o intelectual especializado se lança. De todo modo, a questão do reconhecimento, que até hoje pauta discussões teóricas – tais quais a apresentada sobre o intelectual mediador no âmbito da História Cultural –, é passível de ser observada aqui, indicando, portanto, um paradigma do período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se as representações póstumas de intencionalidades conformadas à consagração da figura pública¹⁵ apontam para a afirmação da ideia de mestre, elas não silenciam a representação dele como intelectual, ou anulam as características mais associadas a esta, como a valorização das letras e o elogio ao engajamento, especialmente a respeito dos embates em torno da fundação da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. Compõe-se, assim, um quadro de características associativas amplificado que, se, por um lado, buscou confirmar a legitimidade da atuação pública de cunho politizado de Pires, localizando-o entre seus pares numa estratégia de posicionamento no campo bem-sucedida a seu tempo; por outro, falhou a médio prazo em sua capacidade de perpetuação de uma memória do sujeito, tendo em vista o apagamento gradual da figura de Aurélio Pires em comparação com muitos de seus pares cujos nomes são reconhecidos no cotidiano com facilidade até os dias de hoje,¹⁶ ou que têm suas trajetórias de vida frequentemente revisitadas por trabalhos historiográficos. Sintoma disso, essa é a primeira pesquisa de maior fôlego sobre Aurélio Pires, ainda que este tenha deixado disponível ampla documentação facilmente encontrada no Arquivo Público Mineiro, no arquivo do

¹⁵ Como indica o próprio fato de o poema *Mestre Aurélio entre as rosas* e o discurso de Mello Teixeira comporem a edição da autobiografia de Pires publicada em 1939 pela Editora Nacional.

¹⁶ Caso de João Pinheiro, Francisco Sá, Alfredo Balena, Nelson de Senna. Ainda que grande parte da população mineira não saiba dizer exatamente quem foram essas figuras, seus nomes compõem parte do imaginário social de várias cidades do estado, especialmente Belo Horizonte.

Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e no Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG.

O pouco reconhecimento das gerações nascidas após o período de atuação de Aurélio Pires talvez se elucide pela própria desvalorização crescente experimentada pelo professorado e por características da cultura política brasileira que explicam o enaltecimento recorrente de figuras de atuação política *stricto sensu* e de profissionais liberais. Não à toa, é possível observar um interesse maior por Aurélio Pires a partir de 2011, quando, em função das comemorações dos 100 anos da Faculdade de Medicina da UFMG, houve uma cerimônia solene de inclusão de seu nome no grupo dos fundadores da Instituição, seguida da instalação de peças de cobre com a reprodução das assinaturas dos fundadores no *hall* de entrada da faculdade, garantindo uma visibilidade maior ao ato e à figura de Pires.

Esse foi, pois, um dos pontos que a pesquisa aqui apresentada problematizou no seu decorrer e que começou com um simples questionamento: “por que, no campo da história dos intelectuais, não existe nenhuma pesquisa sobre Aurélio Pires?”. Tínhamos, então, uma questão que, enquanto refletida, permitiu articular o estudo da trajetória de Pires aos problemas da consagração e do ser um intelectual ligado de forma mais direta à docência. Cremos ter sido essa uma das motivações para que, no exercício da escrita, acabássemos por formular uma estrutura narrativa que consistiu na elaboração deste texto, preocupado com a localização de Aurélio no campo intelectual e a compreensão de seu posicionamento no social, o que, tendo sido feito, permite, agora, que sigamos mais dotados de capacidade e de ferramentas para problematizar e compreender seus posicionamentos e representações sobre a educação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo; Fapesp, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996b. p. 183-191.

_____. O campo intelectual: um mundo à parte. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 169-180.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Tradução de Guilherme João Teixeira, com a colaboração de Jaime Clasen. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CHAMON, Carla Simone. Estevão de Oliveira: o intelectual e suas biografias. In: FARIA FILHO, L. M.; INÁCIO, M. S. (Org.). *Políticos, literatos, professoras, intelectuais: o debate público sobre educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009. p. 179-195.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda, 2013.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LOPES, Eliane Marta. *Da sagrada missão pedagógica*. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2003.

MELLO TEIXEIRA, Arthur. Elogio do professor Aurelio Pires. In: PIRES, Aurelio. *Homens e facts de meu tempo*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1939, p. 315-331.

MORAÑA, Mabel. *Bourdieu en la Periferia: capital simbólico y campo cultural en América Latina*. Santiago do Chile: Cuarto Proprio, 2014.

NAVA, Pedro. *Beira Mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Mestre Aurélio entre as rosas. In: BANDEIRA, Manoel (Org.). *Antologia dos poetas bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1946. p. 173-176.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337-356, set./dez. 2015.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. *A impostura do mestre*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

PIRES, Aurélio. *Homens e factos de meu tempo*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1939.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV, 1996.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragments da História Intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. *Intellectuels et passios françaises: manifestes et pétitions au XX^e siècle*. Paris: Fayard, 1990.

_____. Le hasard ou la nécessité? Une histoire em chantier: l'histoire des intellectuels. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, v. 9, n. 1, p. 97-108, 1986.

Documentos

Arquivo Público Mineiro (APM) – Fundo Aurélio Pires:

AP-CAIXA01-SÉRIE01 (AP1-Cx. 01-Doc. 01 até Doc. 19).